

ENTREVISTA **Alberto José Salum** . Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Pesada no Estado de Minas Gerais (SICEPOT-MG)

## “O custo Brasil tem que cair”

Alberto José Salum analisa a condição do empresário brasileiro diante da crise econômica que o país enfrenta neste início de 2015.

1) As projeções para o Brasil em 2015 são de baixo crescimento do PIB (0,13% segundo o Boletim Focus) e inflação alta (média de 7%). Como lidar com o pessimismo do mercado?

Todo novo mandato historicamente dá uma fredda. Então, isso já era de se esperar. Só que em 2014 nós tivemos uma perda muito grande, a eleição foi muito dividida e esse pessimismo permaneceu com a vitória de Dilma Rousseff. Acredito que se Aécio Neves tivesse ganhado, o cenário seria o mesmo. Talvez com um pouco mais de otimismo. A situação que vivenciamos não foi definida por Dilma agora. Vivemos um resultado de 2013/2014 que culminou nessa situação de crise e talvez a gente tenha até recessão. Creio que 2015 e 2016 serão anos difíceis, com perdas de emprego e retração do mercado, e podem ser que os índices citados até piores.

2) Que medidas são esperadas para impulsionar o setor produtivo em meio à crise econômica?

As medidas que o governo está tomando em termos de austeridade, são corretas. Só que elas estão no lugar errado. Eles estão pensando em aumento de impostos e diminuição de investimentos. Na minha visão teria que ter diminuição do custo Brasil, o custeio da máquina tem que cair. E isso é uma coisa que o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, pode até estar pensando em fazer. Só que politicamente isso pesa e eu não sei se a presidente Dilma tomará essa decisão. A minha visão é a seguinte: o objetivo do governo está correto, a forma é que está errada para o empresariado e para o país. Aumento de imposto é ruim, diminui a atividade econômica, empresarial e industrial; e aí se perde na outra ponta que é o consumo, gerando inflação.

3) As medidas econômicas anunciadas por Joaquim Levy aumentarão os custos para as empresas. Como elas devem se preparar para isso?

As empresas estão se virando como podem para não ter problema de insolvência. Todas elas, inclusive do meu ramo, já estão reduzindo o quadro de funcionários. Daqui a pouco terá corte de salários, diminuição de cargos e salários; e isso vai gerar na outra ponta que é o comércio e etc menos investimento; aí você tem menos consumo. E é disso que o governo tem que ter consciência. As empresas que sobrem vão ter que se readaptar a novas regras muito mais pesadas. O que eu gostaria é que o governo estivesse enxergando isso e desse para as empresas a chance de sobreviver. Aumento de imposto e de insumos, diminuição de rentabilidade da empresa; esse não é o caminho empresarial. Não podemos esquecer que o setor produtivo é que sustenta o país fortemente, e não o governo. Nós pagamos os impostos e o governo gerencia esse dinheiro. Então o governo precisa entender que ele tem que segurar a mão em termos de medidas onerosas para as empresas; aumentar o investimento, porque hoje o nosso grande gargalo é a infraestrutura e aí finalmente, na outra ponta, reaquecer a economia.

4) O governo quer que as empresas se engajem numa campanha de redução do consumo de água e de energia. Por outro lado, os empresários lutam para que haja uma diferenciação de cobrança entre energia para consumo e energia para produção. Com um diálogo tão dissonante é possível chegar a um bem comum?

Vivenciamos diversas crises. Tem crise no setor econômico, no setor elétrico, no setor hídrico, e muitos outros fatores complementares. Agora em março,



**“O objetivo do governo não é diminuir o custo da máquina e sim, onerar o setor produtivo. A conta sempre cai em nosso colo e da população. Chegará um momento em que não aguentaremos mais. Não dá para o setor produtivo continuar a sustentar o país.”**

Alberto José Salum

o governo de Minas e a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) assinaram o “Pacto das Águas”, que nós do Sicepot-MG e vocês do Sindilurb apoiamos. Mas o que acontece é que muitas empresas já fizeram o “dever de casa” delas, ou seja, já tomaram medidas de economia da água como, reuso e reaproveitamento há muito tempo. Então, é preciso ter um cuidado muito grande na hora de impor cortes para quem já está tomando medidas econômicas. Infelizmente, não acredito que o governo irá diferenciar taxas para o setor produtivo. Muito pelo contrário, eles estão criando sobretaxas e aumentando os custos. São medidas de crise. No fim das contas, o objetivo do governo não é diminuir o custo da máquina, e sim onerar o setor produtivo. A conta sempre cai em nosso colo e da população. E chegará uma hora em que não aguentaremos mais. Não dá para o setor produtivo sustentar o país da forma que nós estamos.

5) Muitos especialistas acreditam que como não há um calendário fragmentado em 2015, há condições melhores de planejamento. Este ano seria um bom momento para preparar o caminho para 2016?

Seria. O ano passado foi fragmentado sim, mas a Copa do Mundo querendo ou não, atraiu certos investimentos. Tivemos perdas na produção, mas houve muitos negócios acontecendo em torno do evento em todos os setores. Este ano é atípico por outro motivo, será estagnado. E essa estagnação preocupa o setor produtivo. Os governos não “quebram”, mas nós quebramos. Ou seja, o governo não deixa de existir por conta da crise, mas muitas empresas poderão não sobreviver para contar a história. A não ser que haja uma inversão de pensamentos, que se enxergue isso, eu acho que será um ano difícil. Lógico que teríamos que nos preparar para 2016, mas hoje você está com uma economia de subsistência e não com uma economia de preparação. Estamos

vivendo para existir, não estamos vivendo para nos preparar.

6) Empreender em um país como o Brasil é uma tarefa difícil. Como as médias e microempresas poderão se manter lucrativas num cenário negativo como o deste ano?

Podem ter empresas que não vão sobreviver em todos os setores. Temos empresas mais capitalizadas e outras descapitalizadas, temos empresários mais ativos e empresários menos ativos. Então, vai depender das características de cada uma, do seu principal serviço. Alguns vão enxergar a crise mais rapidamente; outros vão esperar para ver; cada empresa vai ter uma forma de produzir. Acredito que um dos setores serão mais impactados do que outros. Nesse momento, por exemplo, o setor do álcool tende a melhorar por conta do aumento da gasolina. Ele que vinha numa situação muito ruim devido a medidas econômicas que quase quebraram os produtores. Mas não é que ajudaram o setor, isso foi um reflexo do problema da Petrobrás e a necessidade de aumento do combustível.

7) E até o setor da Limpeza Urbana pode ser afetado por essa crise, já que os municípios estão “quebrados”?

Estados e municípios. O setor público quando está com problemas, não mexe primeiro na folha de pagamento, eles fazem cortes em investimentos e em serviços, como a Limpeza Urbana. Só que os municípios precisam desses prestadores de serviço porque a máquina pública não dá conta. As empresas têm mais competência, tecnologia e agilidade para prestar o serviço para população. Um prefeito inteligente contrata uma empresa porque ele sabe que vai ter um serviço melhor e com um custo fixo. É balela achar que usar funcionário público fica mais barato. Não fica. Prefeitura somente não tem estrutura para dar manutenção e manter o serviço da Limpeza Urbana em andamento.

8) De que forma a Operação Lava-Jato pode atingir a imagem do empresário brasileiro perante o mercado e a sociedade?

O que eu lamento é que as empresas do SICEPOT-MG não têm nada a ver com a Operação Lava-Jato, não trabalham para ninguém que tenha algum sistema parecido. Além disso, estão trabalhando sem a menor rentabilidade no setor há muito tempo. Mas o que aconteceu vai impactar na gente por tabela, porque quando acontece algo desse tipo generalizam como se fosse todo mundo. Nossas empresas estão apertadas; trabalhando sem nenhum tipo de investimento; o empresário está lutando para conseguir manter sua empresa viva; e agora está sendo pejorativamente ligado a essa questão da Lava-Jato. É óbvio que macula a imagem do empresário, mas estão falando de um grupo de 12 empresas. E as outras? O sindicato possui 330 empresas filiadas. Será que as 12 representam as 330? Elas se sentem até “magoadas” com essa generalização que eu não concordo e falo sem pudor algum sobre isso na mídia. Eles erraram e nós que estamos pagando com nossa imagem.

9) Com a expectativa de recessão e os diversos fatores negativos para o crescimento, qual a sua projeção para a economia mineira e brasileira em 2015?

Eu não acredito em crescimento. Se a previsão é de um PIB de 0,3%, eu não acredito que cheguemos a isso. Podemos até ter recessão. Não falo isso hoje com certeza porque eu tenho o otimismo de que o segundo semestre pode ser melhor que este primeiro, mas dependendo do caminho que for seguido, pode haver recessão sim.

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Localix investe em qualidade na prestação de serviços, além de se preocupar com a sustentabilidade e o futuro do país



Página 3

Um toque feminino na coleta de resíduos [Página 2](#)

ENTREVISTA

Presidente do SICEPOT-MG, analisa a condição do empresário brasileiro diante da crise econômica que o país enfrenta neste início de 2015. [Página 4](#)



## EDITORIAL

## Um ano de adaptação

Nas muitas idas e vindas que a vida dá, aprendemos, transformamos e adaptamos. E diante de um começo de ano cheio de mudanças, com um Brasil dividido e em crise econômica, a palavra essencial é adaptação. Como Charles Darwin nos ensinou, “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças”. E após a Operação Lava-Jato que tem limpado nossa maior empresa - Petrobrás - da corrupção, nada será como antes. A credibilidade do empresariado brasileiro foi colocada em xeque. Nós, que vivenciamos o dia-a-dia como empresários honestos que investem no país e geram empregos, sabemos que nem todos são corruptos ou corruptores. Mas a visão da sociedade hoje é confusa sobre isso. E neste primeiro editorial que faço em 2015, quero dizer que temos que acreditar em nosso avanço como cidadãos e como nação. Afinal de contas, o mundo gira a cada 24 horas.

Nesta edição, nossa entrevista fala sobre o futuro do empresário brasileiro diante de toda essa crise. Quais são as expectativas de negócios para este ano? Como devemos lidar com as novas medidas de um governo totalmente reformulado e com uma política econômica diferente? Para tentar nos responder a essa e outras questões também importantes, conversamos com o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Pesada no Estado de Minas Gerais (SICEPOT-MG), Alberto José Salum. E como já estamos em março, o “mês da mulher”, nesta página apresentamos a vocês a primeira equipe feminina a trabalhar na coleta de lixo em Belo Horizonte. Com vaidade, simpatia e muito esforço essas meninas demonstram que não é trabalho só para homens e enfrentam o preconceito diariamente. Já em nossa página de Inovação Tecnológica, vocês vão conhecer a Localix Serviços Ambientais, que começou alugando caminhões para as prefeituras e hoje atua até na cidade do Rio de Janeiro, comprovando sua qualidade na prestação de serviços.

Boa leitura e até a próxima edição!



Marcos Vinícius Rocha Savoi, presidente

## EXPEDIENTE SINDILURB NOTÍCIAS

DIRETORIA DO SINDICATO DAS EMPRESAS DE COLETA, LIMPEZA E INDUSTRIALIZAÇÃO DO LIXO DE MINAS GERAIS - SINDILURB/MG  
TRÊNIO DE 2014/2017

PRESIDENTE: MARCOS VINÍCIUS ROCHA SAVOI  
VICE-PRESIDENTE: HÁBIB ABDÓ DIB  
DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO: ANDRÉ LUIZ PEREIRA GOMES  
DIRETOR DE EXPANSÃO E MERCADO: RENATO FERREIRA MALTA  
DIRETOR DE RELAÇÕES TRABALHISTAS: JANILTON SANTOS MACHADO  
DIRETOR TÉCNICO: GILSON ALMEIDA VILELA  
DIRETOR ADJUNTO: ROBSON GERALDO DE FIGUEIREDO  
CONSELHO FISCAL: WILLY MARTINS CARNEIRO JÚNIOR, HELY COSTA LAGES E ARTHUR ALVES DE BRITO  
SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL: LUIZ FELIPE FERREIRA PROCÓPIO, FLAVIO NOGUEIRA PINTO E ROGÉRIO MALTA  
DELEGADO EFETIVO JUNTO A FIEMG: MAURÍCIO SIGAUD FERREIRA  
DELEGADO SUPLENTE JUNTO A FIEMG: JEFERSON PASCOAL ROCHA  
TIRAGEM DO INFORMATIVO: 1000 EXEMPLARES  
PROJETO EDITORIAL: ARTICULAÇÃO COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA  
REDAÇÃO: CAROLINA LISBOA

## Charme, batom e muito suor na coleta de lixo

KTM é pioneira na contratação de mulheres no recolhimento do lixo em MG



Mulheres que trabalham na coleta de lixo em Belo Horizonte. Segundo elas, o trabalho exige determinação

O trabalho é culturalmente masculino, mas elas o realizam sem se esquecer dos brincos, do batom e da feminilidade. Desde novembro do ano passado, Karen Cristina dos Santos Ribeiro, de 18 anos, e Viviane Patrícia da Cruz de Souza, 33 anos, dividem o espaço com homens na coleta de resíduos da varrição num caminhão em Belo Horizonte. A equipe criada pelo gerente de Limpeza Urbana da KTM Engenharia, Marcelo Senna, ainda conta com a motorista Maria Cecília Cuero, 37 anos, a coletora Sinália Pedroso Ramos, 33 anos, e mais quatro mulheres que trabalham no período da tarde.

O bom desempenho delas vai abrir espaço para que mais mulheres trabalhem na área. “O resultado foi tão bom que já estamos formando mais duas equipes femininas. Os homens têm a certeza de que é um mundo somente deles. Mas elas mostraram que dão conta do recado”, afirma Senna. Para ele, o diferencial das mulheres é o comprometimento com o trabalho. “Elas são sempre mais caprichosas em tudo o que fazem.”

Viviane é mãe de três filhos e antes trabalhou por dois anos como varredora. Ela revela, com surpresa, que as novas colegas de trabalho a ajudaram a ficar mais vaidosa. “O trabalho aqui é mais tranquilo, divertido e passei a me preocupar mais com meu visual. Muitas pessoas ficam espantadas ao me ver no caminhão, mas gosto de superar obstáculos”. Viviane conta ainda com apoio em casa. “Meus filhos me consideram uma guerreira e meu marido me incentiva, apesar de se preocupar com minha saúde”.

**Superação** . Mas Viviane e as companheiras de equipe ainda têm que ultrapassar algumas barreiras. Maria Cecília, motorista de caminhão há 2 anos, afirma que no trânsito as mulheres são culturalmente alvo de preconceito todos os dias. Apesar disso, ela sente paixão pela profissão. “É muito gostoso!. A equipe e o contato com as pessoas são bacanas, e

agora posso dizer que conheço bem BH”, declara. Muitos moradores elogiam, tiram fotos e acenam ao ver que são mulheres no caminhão. “A gente leva isso no humor, como uma forma de carinho”, afirmam.

O trabalho é pesado. São percorridos até 40 quilômetros por dia nas regiões Centro/Sul, Oeste e Barreiro. Mesmo assim, no sobe e desce do caminhão elas encontraram uma vantagem. “É uma academia ao ar livre, todas nós emagrecemos!”, comemoram. A caçula da equipe, Karen Cristina, diz que o trabalho é diferente de tudo que já fez antes. Antes de ingressar na limpeza urbana, a jovem foi atendente de telemarketing, operadora de caixa e demonstradora. “Me sinto uma criança curiosa, é tudo muito novo”.

**KTM Engenharia** . Com mais de 1.400 funcionários, desde 2011 a KTM presta os serviços de varrição, capina e coleta do lixo urbano e hospitalar para Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) de Belo Horizonte.



Para Marcelo Senna a quebra de paradigmas é uma importante arma contra o preconceito

## INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

## Localix se destaca na prestação de serviços

Além de atuar em locação de veículos e limpeza urbana, empresa investe na sustentabilidade e em projetos sociais

Em quase 20 anos de existência, a Localix Serviços Ambientais cresceu, ampliou o ramo de atuação e possui hoje um sólido espaço no mercado. Prestando serviços de coleta de resíduos domiciliares/hospitalares, varrição, poda de árvores, capina e conservação de praças e parques, a empresa atua na capital Belo Horizonte, em Contagem, Congonhas, Conselheiro Lafaiete e Caeté. Atenta às necessidades do mercado, a Localix também está presente na cidade do Rio de Janeiro com a locação de veículos e equipamentos para a limpeza urbana. “Conquistamos nossos clientes oferecendo um serviço de qualidade, a um baixo custo. Foi assim que ingressamos no Rio”. Afirma o dono da empresa, Ivanildo Gualberto.

O empresário iniciou sua trajetória justamente na terceirização de veículos para o setor de Limpeza Urbana da Prefeitura de Contagem, ainda em 1997. Com faro apurado para os negócios, ele relembra como tudo começou. “Eu era gerente de autopeças e resolvi comprar um caminhão. Nessa época eu trabalhava sozinho e não foi nada fácil. Mas com determinação e fé em Deus, superei as adversidades e construí minha empresa”, conta.

O ponto de partida para ampliar os negócios da empresa foi a oportunidade de atuar como prestador direto dos serviços de limpeza urbana em Conselheiro Lafaiete. Assim, nascia a Localix Serviços Ambientais. E foi nesta época que Ivanildo conheceu Robson Figueiredo, diretor comercial da empresa. “Unimos minha experiência operacional com a experiência de mercado do Robson, e tem dado certo até hoje”, disse Ivanildo. Os dois começaram a trabalhar juntos em 2006, quando a Localix possuía uma frota de 12 caminhões. Após 9 anos de parceria, hoje são mais de 350 veículos e 1.600 funcionários, além de gerar outras centenas de empregos indiretos.

Segundo Robson Figueiredo, o mercado de limpeza urbana passa por um momento de incertezas devido ao baixo crescimento do país e a queda na arrecadação dos municípios, seus principais clientes. “Soma-se a isto a inflação e ao aumento de salários, as empresas do setor ficam em déficit financeiro uma vez que não há como repassar o aumento dos custos para o cliente”, explica o diretor comercial. Sabendo que a qualidade no trabalho é



Empresa iniciou sua trajetória com 12 veículos para locação, hoje já são mais de 350



Empreendedor, Ivanildo Gualberto prova que tem bom faro para os negócios

o seu diferencial, atualmente a Localix trabalha na certificação de seus serviços.

**Sustentabilidade e cidadania**

A Localix também está atenta à sustentabilidade e aos problemas sociais do país como, a dependência química. Numa parceria de quase 10 anos, a empresa apoia a casa de recuperação Ação Comunitária Social Beneficente Ebenézer (Acosbe), localizada no Bairro Bandeirinhas, em Betim. O local produz vassouras feitas com garrafas pet que são compradas pela empresa. São cerca de 200 unidades a cada pedido. De acordo com a diretora do centro de reabili-

tação, Gleicy Jaqueline Freitas, os internos realizam todo o trabalho desde a limpeza das garrafas à confecção da vassoura. “O principal benefício da parceria é a garantia de uma ocupação para eles, que é primordial para a recuperação. Além disso, o valor arrecadado ajuda a manter a Acosbe e a ajudar mais pessoas”, ressalta a diretora.

Para Ivanildo, a questão da sustentabilidade também é muito importante já que são garrafas reunidas pela coleta seletiva e todo o material é usado na prestação de serviço nos municípios em que a Localix atua. “Além de contribuir para ressocialização dos internos”, afirma. Outro projeto que recebe o apoio da Localix é o AVIVA, localizado na região do Barreiro.